

ALFREDO KEIL



Ha muito que Alfredo Keil tinha conquistado um lugar nas paginas do *Antonio Maria*. Os seus talentos de artista, duplamente apreciaveis, como mimoso pintor e como maestro inspirado, grangearam-lhe esse lugar que hoje gostosamente lhe conferimos, em commemoração da sua moderna composição a *Patria*, que será executada no concerto realisado em a proxima sexta feira no Coliseo dos Recreios, pela Academia dos Amadores de Musica.

BRAGA POR UM CANUDO

D'esta vez, não é, como no numero passado, uma simples figura de rhetorica; é um facto consumado: vimos Braga por um canudo!

As cartas de Raphael e os desenhos que elle nos mandou dentro d'um canudo proporcionaram-nos occasião de assistirmos ao centenario do Bom Jesus do Monte.

Como não somos egoista e queremos que o leitor assista tambem a essas extraordinarias festas, commodamente repoltrado na sua cadeira de braços, vamos tomar a feição de expositor de cosmorama e, puzando o cordelinho, mostrar-lhe as scenas capitaes dos festejos do Bom Jesus.

Disponha-se, que vae ver Braga por um canudo!



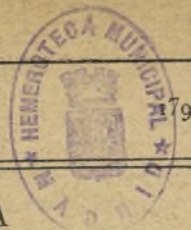
Não obstante o seu horror pelas festas civicas, os promotores do centenario do Bom Jesus incorporaram no prestito procissional um carro conduzindo as virtudes theologaes, que, se não tinha o esplendor dos carros dos centenarios de Camões e de Pombal, era pelo menos uma parodia muito bem imaginada. O rotundo arcebispo de Braga dignou-se manifestar receios de que esse carro não agradasse ao *Antonio Maria*. Agradou; e tanto, que no proximo carnaval lá lh'o mandamos pedir de emprestimo. Sempre é carro que tanto pode servir para levar anjos como para transportar *tenentes do diabo*. Para isto de procissões não ha como ecclesiasticos: interessam muito no acto...



O dr. Pereira Caldas, cavalheiro amabilissimo, professor muito distincto e senhor d'uma das mais notaveis livrarias.



Grande reforma produzida pelo centenario. Fardamento azul e encarnado para os fieis varredores. Isto de quem torto nasce tarde ou nunca se endireita...



A EXPOSIÇÃO DE FLORES EM BRAGA



A exposição de flores, lindíssima, mormente se attendermos a que foi esta a primeira exposição n'esse genero que Braga realisou. Optimos exemplares de cravos, rosas e papoilas.

Flores naturaes primorosamente executadas pela ex.^{ma} sr.^a D. Leonor Pereira, do Porto, e pequeninos bouquets de flores do campo, inexciveis de elegancia e forma artistica feitos pela ex.^{ma} sr.^a D. Maria Clementina Leme Corte Real.

A exposição, emfim, é um primor, excepto varios desenhos de flores, algumas bordadas em vidro e outras de escamas ou papel, de que damos os seguintes especimens :

Especimen n.º 1



Rosa de papel, menino Jesus de cera, e borboleta, cobra, lagarto e pombinhos que seguram as inscrições abaixo transcriptas de miolo de pão mastigado. Restante da ornamentação, busios e musgo.

As inscrições a que nos referimos são estas :

- Do varão nasceu a vara.
- Da vara nasceu a flor.
- Da flor nasceu Maria.
- De Maria o Redemptor.

A proposito d'estas inscrições disse um cavalheiro da nossa primeira sociedade que ellas fazem lembrar aquelle conto muito conhecido :

- «De navalha fiz sardinha,
- «De sardinha fiz menina,
- «De menina fiz viola,
- «Frun frun frun que vou p'ra Angola.

Especimen n.º 2 :



Por cedencia natural.

Desenho feito a lapis de pau, conforme mostra a estampa, e com a seguinte inscrição por baixo :

A ROSA

O centro das aculias que a cercão não deixa de ser brilhante e aromatico.

O novo levita no meio dos espinhos que o mundo offrece sabe trilhar o caminho da honra e colher as flores que tem o verdadeiro aroma da virtude.

Foi este opencamento que me animou a debuxar a presente estampa que offreço ao meu Ill.^{mo} primo e amigo P.^o Miguel Florentino Lopes Macedo d'Ataide no dia em que celebrou a sua 1.^a missa a 25 de janeiro de 1863.

Francisco Manoel Martins d'Oliveira.

Por causa d'este desenho levantou-se conflicto entre um expositor e o jury, por haver o mesmo desenho obtido medalha e outro com mais claro escuro apenas menção honrosa. O jury declarou que dera a medalha ao do levita e das aculias por este não saber absolutamente nada, ao passo que o outro já mette sombras rasoavelmente.

* *

A Senhora do Sameiro, ciosa das esplendidas illuminações que teve o Bom Jesus, feitas a cebo, projecta despicar-se brevemente fazendo tambem umas soberbas illuminações a cebo de grillo.

* *

A sacristia da capella de frei João de Neiva, o fradinho, onde os devotos despem as alvas em que veem amortalhados e deixam as esmolas de azeite, ovos, linho, trigo, etc., chega a competir com o guarda-roupa do Cruz e a mercearia do Martins.

E ainda ha quem diga que o fanatismo já lá vae !...

E agora, a exposição de figuras de cêra, com vista ao sr. Lopo Vaz (auctor da corcunda do código penal) para que, attentando bem n'ella, nos diga depois quem é que desacredita as instituições.

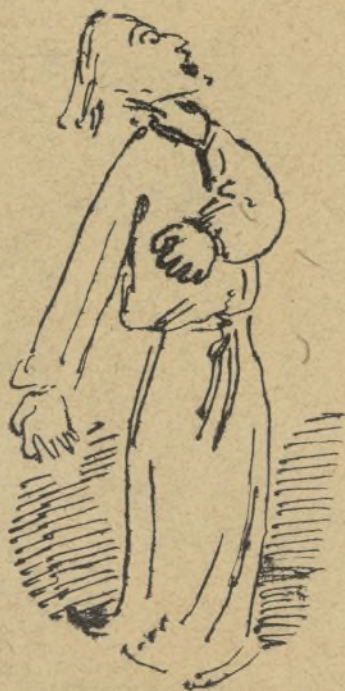


Triste estado em que é exposto sua magestade el-rei, entre um desgraçado meio e outro não menos desgraçado cabo Simão.

Em estado analogo ao do monarcha se encontra o sr. Rodrigues de Freitas, com a dolorosa diminuição do braço direito. (Espirituosa allusão ao facto de não poder s. ex.^a estendel-o ao poder).



Entre estas figuras e os apóstolos do Sanctuario da igreja do Carmo podia haver um accordo razoavel: estes davam parte dos braços que teem de mais áquellas, que os teem de menos, e assim ficavam as duas collecções muito regulares.



O triste prisioneiro de Cabanas pedindo justiça. A respeito d'este caso está tudo de cêra.

Dois attentados:
Um contra o rei D. Pedro V.



Outro contra o Camões e o Jau.

Nem tiveram pudor de brincar com os mortos!

E em quanto em Braga dormia gente pelo chão, lambiam-se as figuras de cêra com seis camas de sumaúma!





Os judeus do Bom Jesus, disfarçados em phylarmonicos, tentam assassinar o sr. arcebispo, por ter realizado o centenario com luz electrica e elephantes armados em balões.



O cebo das lanternas escorrendo derretido produziu isto

depois de frio, um ficou preto e o outro verde. Com a applicação d'um pavio em cada um arderam perfeitamente na aluminação dos fieis.





Trecho do syndicato que honestamente nos rege: príncipe, crêche e judeus. Tudo á imitação dos judeus do Bom Jesus, para maior devoção.

A SEMANA

Lisboa é uma cidade pobrinha mas alegrinha. Ninguém tem vintem mas toda a gente se diverte.

Theatros, corridas de cavallos, corridas de touros, exposição agricola, jardim de acclimação, um inferno, e tudo a abarrotar de expectadores! E não se pense lá que a cidade assiste a todos estes divertimentos pacatamente, economicamente, regradamente, como convinha a uma capital de amanuenses; não, senhores: a cidade diverte-se e gasta á larga como um nababo americano em viagem de recreio.

Nos theatros, além da entrada, não falta nunca nos intervallos a bolaxinha de agua e sal e o copasio de cerveja de Baviera! Nas corridas de touros banqueteia-se de pãesinhos com chouriço! No jardim de acclimação fervem saquiteis de alfarroba para encher o bucho dos macacos! Na exposição agricola, até os membros do partido progressista, que não tem ao presente a chave do erario que el-rei deu ao sr. Fontes para guardar em quanto fosse vivo, até esses papam almoços no *restaurant*! No hippodromo, emfim, como a entrada é de graça, a ruina das apostas, que chegam muitas vezes a attingir a cifra por que se compra uma duzia de figos lampos!

E tudo a queixar-se de que não tem vintem!...

Segundo a expressão de varias folhas noticiosas, durante toda a semana lavrou grande entusiasmo pelas corridas de cavallos. Lá estivemos no domingo, mas não

vimos lavar semelhante coisa. Naturalmente o enthusiasmo, n'esse dia, sabendo das experiencias das novas charruas na exposição agricola, passou o pé ao hippodromo e foi antes *lavar* para a Tapada da Ajuda...

Que isto de corridas de cavallos, deixem-nos dizel-o aqui muito baixinho para que ninguém nos oiça, é d'um sabor verdadeiramente inglez... Muito util — talvez; mas muito semsaborão com toda a certeza... E esta opinião está no espirito de toda a gente, desde o *peão* que passa quatro horas a abrir a bocca, não propriamente de admiração, até o *gentlement* que compulsou em casa o *Inglez sem mestre* para dirigir depois a palavra a todos os cavallos no *recinto da pesagem*, com um bello accento correctamente britannico.

Os francezes abandonam-nos e os hespanhoes vão invadir-nos. D'esta vez porém, estamos certos, nenhum João Pinto Ribeiro ou Antão Vaz d'Almada erguerá o braço potente para defender a patria dos oppressores.

Os animos estão serenos, graças a Deus, e ninguém lançará mão aos copos das espadas para receber as hostes invasoras. O mais que poderá acontecer será lançarmos mão d'uns copos de soda water, para offertarmos ás invasoras do Coliseo, á falta de *mançanilha*...

Aos invasores do Campo de Sant'Anna não offereceremos coisa alguma, mas pediremos *cilla* na sorte de gaiola — como se fôra coisa que o sr. Fontes nos não dêsse todos os dias, e com *l h a lha*, demais a mais.

PAN.

CASAMENTO DESMANCHADO

O consorcio estava justo.
P'ra o dia tres de setembro;
Chamava-se o noivo Augusto
E a noiva — formoso arbusto —
Rosinha, se bem me lembro



Ella, além de varias prendas,
De illustrada e pura e bella,
Tinha as rendosas prebendas
D'umas cinco ou seis fazendas
Lá p'ra as bandas de Arrentella.



Elle, antigo marialva,
Tinha p'ra o recommendar
— Além d'uma bella calva —
Folha corrida e resalva
Do serviço militar...



Um formoso par, emfim,
Talhado p'ra o casamento;
Só faltava dar o «sim»
— E um pedaço de latim
Do prior do Sacramento.



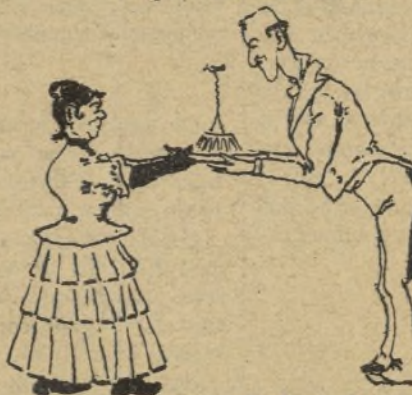
Chega emfim o feliz dia
Porque a noiva andava morta;
Em casa reina a alegria
E os coupés da companhia
Vão-se enfileirando á porta!



Rosinha, a casta beldade,
Recebe alegre, contente,
De brindes a infinidade
Que as pessoas de amisade
Vem trazendo de presente.



Chovem pudings de geléa,
Pasteis, murcellas de Arouca,
Mil rebuçados de althéa,
E uma formosa lampreia
De péra doce na bocca!



O noivo, em lindo açafate
Offrece um bolo de truz,
Onde se lê — que dislate! —
Em letras de chocolate:
Augusto Caetano Cruz.



Nunca o pedaço de tolo
Dêsse tal brinde á consorte,
Que o sogro, côr de tijolo,
Ao vêr-lhe o nome no bolo,
Põe-se a berrar d'esta sorte:



— Caetano?!... Ó nome execravel
Que só de o ver me ataranta!
Eu sinto até, miseravel,
Como uma espinha de savel
A atravessar-me a garganta!



— Ó mais audaz dos birbantes
Que o mundo todo possua;
Se quer's fugir-me aos rompantes,
Põe-te-me já quanto antes
Co'os quartos no mei' da rua!

— Vae-te d'aqui, bigorrilha,
P'ra aonde não faças damno!
Prefiro dar minha filha
A qualquer pulha ou pandilha
... Mas que não tenha caetano..

PAN.

Manuel Bordado Pinheiro
1884

